

## Pulsão de Mal, Pulsão de Morte

Clara Pracana

A questão do Mal e do seu contrário, o Bem, dominou a discussão filosófica desde a Grécia Antiga até ao século 19. Durante tantos séculos, a questão foi quase sempre uma questão religiosa: uma teodiceia. Como era possível existir o Mal num mundo que era feito à imagem de um Deus perfeito? Com o advento do Iluminismo, põe-se, em relação ao Mal, uma outra questão: será a realidade do Mal, por definição, ininteligível ou, pelo contrário, como viria a dizer Hannah Arendt no século 20, temos o dever ético de procurar compreender o seu significado?

O terramoto de Lisboa, em 1755, com os seus milhares de mortos, causou uma intensa comoção no mundo civilizado da época.

Muito se escreveu sobre o assunto e alguns, como Voltaire, se deslocaram a Lisboa para testemunhar os efeitos da calamidade. Tinha sido uma catástrofe natural? Se sim, como fora possível tal coisa? Ou fora um castigo divino, como em Sodoma e Gomorra?

O primeiro a criar, claramente, a distinção entre males naturais e males morais foi Rousseau. Pouco disse sobre o terramoto, mas centrou a discussão filosófica sobre os males dos quais somos responsáveis e nas suas causas históricas e psicológicas. Deus que tratasse dos outros males, dos naturais. Rousseau, ao pôr o acento na educação e na política, coloca a primeira pedra para a construção da noção de um Deus supérfluo que culminará em Nietzsche.

Para Kant, o problema do Mal é irresolúvel. A diferença entre a razão e a natureza é estruturante do mundo. Entre o *ser* (a natureza) e o *dever ser* (a razão) giram as



Figura 1. Terramoto de Lisboa 1755. (Roth, ca. 1756, p.16).

nossas vidas. A falha entre a razão e a natureza é a nossa condição e a nossa tragédia, o que não nos isenta do imperativo moral de, conhecendo, embora, os nossos próprios limites ao conhecimento, os tentarmos transcender. Kant defendeu ainda que havia questões que a razão humana nunca alcançaria. Deus, um conceito metafísico, estaria para além do conhecimento humano, assim como estariam o sentido da criação e o próprio problema do Mal. Para Kant, o comportamento só é moral, na medida em que não se pode ter a certeza da recompensa. Por sua vez, o Bem só é genuíno em nome do próprio Bem, não pela expectativa da recompensa, seja nesta vida ou noutra. É estranho que Kant não tivesse mais nada a dizer sobre o Mal, a não ser o que decorre da sua desolada visão da nossa condição: somos completamente livres de fazermos o Bem ou o Mal, mas o nosso controlo sobre as consequências é quase nulo. É o paradoxo: liberdade total de um ponto de vista moral, mas limitada na realidade. O acaso e a contingência são forças que não dominamos.

Por outro lado, para Hegel, que se insurge contra a posição de Kant, nós somos uma das coisas que estão Mal no mundo. A contingência, para Hegel, é inaceitável.

Em termos modernos, de qualquer forma, o problema permanece interessante e polémica. Voltemos, assim, à questão dos terremotos e dos males naturais com um exemplo da história mais recente: Hitler era louco (Mal natural) ou enquadra-se na categoria do Mal moral?

Hegel, tal como Rousseau, achava que era possível resolver a questão do Mal dentro da história, ou seja, a humanidade não está parada, está em movimento; movimento no sentido do desenvolvimento, do progresso. Sabemos hoje, porém, que não é exatamente assim, que o progresso pouco garante contra o Mal e o sofrimento. É essa uma das teses de Freud em *O Mal-Estar na Civilização* e os terríveis acontecimentos do século 20 deram-lhe razão.

Nos finais do século 19, a obra de Nietzsche recentra o problema do Mal. Nietzsche considerava-o o seu *a priori*. Viveu obcecado com o problema do Mal desde muito novo -- lembremo-nos que escreveu o seu primeiro ensaio filosófico com 14 anos. Muito resumidamente, para Nietzsche o problema do Mal consistia, sobretudo, na ausência de significado para o sofrimento, considerando que, neste sentido, o Cristianismo tinha sido uma tentativa de encontrar um sentido e uma recompensa para o sofrimento. Com a fé numa vida eterna, melhor do que esta, não só se aceita melhor o sofrimento enquanto estamos por cá, como subsiste a esperança na retribuição – é como se a humanidade preferisse o masoquismo à ausência de sentido. Assim, inventámos o pecado e a redenção como *felix culpa* (Pracana, 2008).

É importante registrar esta identificação entre o Mal e a ausência de significado. Para Nietzsche, o passado, e com ele o sofrimento, só podia ser redimido, não por um Deus feito homem, mas pela vontade. A vontade como princípio criador. Para ele, de nada valia reprimir o passado; era preciso redimi-lo através da vontade e da liberdade. Não bastava dizer que Deus estava morto, como fizera Hegel, porque a sua sombra persistia. Era necessário criar uma contra-teologia que assentasse na vida, na vontade e na alegria. A filosofia de Nietzsche é, portanto, profundamente vitalista, num homem, porém, dado a profundas depressões. Ou, talvez por isso mesmo, ele valorizasse tanto a vida vivida com vontade e entusiasmo.

De acordo com Nietzsche, a arte sublima a tragédia; a beleza e a estética atribuem um sentido ao que parece não o ter. Como todas as filosofias, a filosofia de Nietzsche é também humana e contém muitas contradições, permitindo, como qualquer outra obra humana, aproveitamentos posteriores a que ele foi alheio (são conhecidas, neste ponto, as suas posições de anti-semitismo, tantas vezes deturpadas).

## O MAL E O SOFRIMENTO

O problema do Mal encontra-se ligado, intrinsecamente, à inteligibilidade do mundo. O facto de o mundo poder não ter justiça, nem significado, nem propósito afecta, como bem demonstrou Freud, as nossas mentes e os nossos comportamentos.

No início do século 20, a ciência e o progresso pareciam imparáveis. A visão da cultura dominante surgia expurgada das questões do maligno: a razão e a ciência tudo resolveriam. Auschwitz e outros horrores desfizeram a ilusão. O nazismo passou a constituir um paradigma maléfico, sobre o qual muitos se têm interrogado. É de Adorno a célebre e polémica frase ‘depois de Auschwitz não pode haver poesia’. Como foi possível passar-se o que se passou na Alemanha, um paradigma da civilização avançada?

Hannah Arendt, ao criar o célebre conceito da banalidade do Mal, não pretendeu dizer que o Mal é corriqueiro ou negligenciável. O que ela quer dizer é que não é só no seio de sociedades atrasadas e obscurantistas que o Mal pode grassar e crescer. Pode ser praticado por pessoas banais, entre pessoas banais e assumir tremendas formas. Ou, como escreveu uma outra escritora fugida ao nazismo, Ayn Rand, basta que as pessoas de Bem virem a cara para o lado, não queiram ver, para que o Mal possa levantar a sua feia cabeça. Há relatos de comandantes de campos de concentração que,

ao fim da tarde, depois terem exterminado mais umas centenas de judeus (o número diário dependia da eficiência de cada campo), reuniam-se com a família, eram pais devotados, ouviam Bach, eram homens cultos. Como foi possível? A resposta tem sido tentada por muitos ilustres pensadores.

Após muito ter lido sobre o assunto, nenhuma explicação isolada me convence por si só. Ou seja, não há uma explicação. Haverá várias. Sei que entre as gerações mais novas poderá surgir a interrogação: por quê falar de coisas do passado? Precisamente, porque não é pelo facto de não falarmos dele que o Mal deixa de existir. Eu, que cresci nos anos cinquenta e sessenta, neste pequeno e periférico país assombrado, ainda hoje, pelo fantasma de Oliveira Salazar (outra criatura banal), não me lembro de ter ouvido no liceu uma palavra, uma palavra que fosse, sobre o nazismo. Pelo contrário, muito oportunamente, o tempo letivo esgotava-se sempre e o ensino da história nunca ia para além do início do século 20, essa época em que a razão e a ciência tudo explicavam e não haveria mais lugar a superstições e bruxarias.

Alguém sabe ao certo por que teve lugar a Primeira Guerra Mundial? É verdade que podemos sempre recorrer ao argumento hobbesiano e admitir que o homem é o lobo do homem e que, por isso, não pode viver sem guerrear e matar. É suficiente, como explicação? Anos depois, que demónio se infiltrou na sociedade alemã, a ponto de permitir a ascensão de Hitler e levar à Segunda Guerra?

## PULSÃO DE MORTE

O Mal é aquilo que desliga, des-objectaliza, destrói os vínculos, impede de viver a vida, destrói o próprio e o outro. É, por outras palavras, a pulsão de morte. Mas isto não é dizer que o Mal é a morte. A questão é que a pulsão de morte e o Mal se confundem. Neste sentido, André Green considera que não há nada de mais estranho ao bom senso, na psicanálise, do que a questão da pulsão de morte. O conceito da pulsão de morte, produto da mente brilhante que foi Freud, revelou-se um monstro. Por causa da defesa da existência da pulsão de morte, Freud perdeu amigos. Outros preferiam não falar e silenciariam a sua repugnância e desacordo.

Mesmo entre os filósofos, poucos tinham partilhado esta noção de uma pulsão de morte intrínseca à condição de seres vivos. Na Antiguidade, houve Heráclito ('vivemos a nossa morte e morremos a nossa vida'), Empédocles, Séneca ('morremos diariamente'). Para Schopenhauer, mais recentemente, a morte é o resultado e

o propósito da vida, enquanto a pulsão sexual constitui a encarnação da vontade de viver.

Freud introduziu a noção de pulsão de morte como condição dos organismos multicelulares vivos e do ser humano em particular. Podemos considerar que vinha amadurecendo a ideia, tendo aludido a ela noutras ocasiões, mas é em *Para Além do Princípio do Prazer*, originalmente publicado em 1920, que é explicitada e de uma forma concisa e brutal: ‘O propósito de toda a vida é a morte’. E, de igual modo, afirma:

Temos de ter a coragem para supor que realmente existe, na mente, uma compulsão à repetição que se sobrepõe ao princípio do prazer. Muito do que pode ser descrito como a compulsão do destino, parece inteligível, numa base racional (Freud, 2001, p. 38).

Amaral Dias considera que a temática não era nova em Freud, mas que, desta feita, a noção de repetição admite outra tonalidade:

O que aparece como diferente é a ideia de que a repetição é anterior ao princípio do prazer e o submete [...]. Até então, a essência da pulsão é a tendência à descarga da acumulação acumulada dentro do organismo. Agora, Freud afirma que a pulsão – da repetição – não tende para a descarga: é conservadora (Dias, 2000, p. 217).

Freud insistiu na ideia do retorno ao estado originário, a um estado pré-ontico, tornando mais violenta a formulação do conceito. É como se uma força ‘daimónica’, como ele próprio escreve (Freud, 2001, pp.35-36), estivesse a operar dentro de nós; uma força para além das forças dos mortais, portanto, que nos coagiria a repetir, a repetir interminavelmente, uma e outra vez, presos nessa malha que fomos para nós próprios construindo, para nela nos enredarmos, *para além do princípio do prazer*. Assim, o *daimónico*, como sublinhou Green (2007, p.204), torna-se *demónico*.

A pulsão de morte, diz Freud, opera, desde o nascimento, em todo o organismo vivo multicelular. E trabalha silenciosa e teimosamente contra Eros que atua no sentido contrário, para prolongar a vida. Trata-se de uma pulsão conservadora (no sentido de volta a um estado anterior a qualquer experiência), automática e de raiz biológica. Esta ideia não é, de facto, agradável de conceber, compreendendo-se a resistência daque-

les que estavam à volta de Freud, com a exceção, pelo menos formalmente, de Ferenczi, Alexander (num primeiro tempo) e Eitington. Assim, Laplanche que não aceita o conceito freudiano de pulsão de morte, como força de destruição pura, não sexual (Laplanche, 1999, p.166), observa, a propósito da adopção do conceito por Freud:

Sedutora, traumatizante, a introdução forçada da pulsão de morte não poderia senão suscitar, entre os herdeiros de Freud, todas as variedades possíveis de defesa: rejeição com razão nuns casos, aceitação puramente escolástica da noção e do dualismo de Eros-Thanatos noutros, aceitação modificada e amputada das suas bases filosóficas por parte de um autor como Melanie Klein e, com ainda maior frequência, preterição ou obliúvio completo da noção. (Laplanche, 1970, p. 164).

No seu livro sobre a pulsão de morte, Green (2007), comentando o texto *Para Além do Princípio do Prazer* de Freud, diz que ele surpreendeu muita gente ao pôr em causa o princípio do prazer, por meio de reflexões sobre as origens da vida e a filogenia. Green era um homem muito enfático a falar e irritava-se com facilidade, o que transparece nesta citação:

Confesso que, várias vezes, me senti irritado com esta especulação [de Freud] de 1920. Não conseguia deixar de a ver como uma espécie de exercício lúdico, uma divagação fantasista de um espírito que se permite alguma liberdade imaginativa no meio de um pensamento muitas vezes árido (Green, 2007, p. 25).

Talvez, por isso, como referi, a pulsão de morte foi, desde sempre, um tema delicado dentro da comunidade psicanalítica. Alguns, como Melanie Klein, apropriam-se do conceito e tornam-no irreconhecível. Outros, estão constantemente a falar da pulsão de morte, mas sem a nomearem. No entanto, diz Green, a pulsão de morte conduz à reacção terapêutica negativa, no sentido em que é especialmente difícil fazer admitir ao paciente o prazer que retira da destrutividade, na relação com o outro e consigo próprio.

Consequentemente, a pulsão de morte é um obstáculo real, não apenas à cura, mas, de igual modo, – o que é ainda mais importante – ao progresso da vida. Precisamente, foi isto que Freud compreendeu e que muitos outros recusaram ou não quiseram compreender. É algo real, em que tropeçamos todos os dias.

Ma a pulsão de morte assume, por vezes, outras máscaras. É o caso da melancolia que Freud descreve, em *O Eu e o Id*, de 1923 (Freud, 2006a, p. 53) como a pura cultura da pulsão da morte. Ou sensação de um vazio enorme, de um buraco sem fundo, de que fala Green em *Travail du Négatif* (Green, 1993, p. 117). Pode ainda, estranhamente, mascarar-se de amor. O amor pode destruir e matar. Estamos mais habituados a pensar que é o ódio que mata e destrói. Mas a pulsão de morte esconde-se e infiltra-se por fendas insuspeitas e aspira à anulação. Relembro, neste sentido, um excerto do poema de Oscar Wilde, *The Balad of Reading Gaol*, de 1896:

Yet each man kills the thing he  
By each let this be heard,  
Some do it with a bitter look,  
Some with a flattering word,  
The coward does it with a kiss,  
The brave man with a sword.

A pulsão de morte não é a morte como fim da existência da vida (o relógio que pára). É a tendência para morrer a nossa vida, como dizia justamente Heraclito. É aquilo que nos impede de viver a vida. É o querer destruir o que é bom e prazeroso. Numa palavra, o Mal.

Os tempos de incerteza em que vivemos e que, infelizmente, condicionam o nosso futuro, são propícios à amargura e ao negativismo, quando não mesmo ao nihilismo que não deve ser confundido com pessimismo ou cepticismo. Mas tempos de incerteza são também favoráveis à negação. Tal como Freud escreveu em 1925, negamos aquilo que queremos manter reprimido. A negação expulsa, desliga, é do domínio de Thanatos, da pulsão de morte. Expulsamos aquilo que é sentido como mau, projetamos no outro, excorporizamos, como diz Green (1988) num pequeno texto sobre o Mal, afirmando que Freud, em *Análise Terminável e Interminável* (1937, SE 23), distingue, entre as causas que se opõem à cura, duas formas de expressão da pulsão de morte: a culpabilidade, ligada ao Supereu; e uma outra forma, desligada, difusa que manteria o paciente na situação de ‘doente’ e que aponta para a culpa inconsciente, também designada por necessidade de expiação.

A minha convicção é que, sem dúvida, o Mal se identifica com a pulsão de morte. Ou seja, aquilo que nos leva a negar as possibilidades da vida. Não me refiro apenas ao exercício da vontade, como insistiu Nietzsche, mas também ao exercício esclare-

cido da razão (como noção kantiana), porque a ausência de capacidade crítica é muito perigosa, sobretudo em termos coletivos. Desta forma, refiro-me ao pensamento vinculado pelo afecto, ao prazer ligado a Eros, tanto no sentido sexual, como no sentido mais sublimado, como o prazer de conhecer, aprender, amar, crescer e criar.

André Green inventou a expressão narcisismo de morte para definir um narcisismo que seria o negativo do narcisismo de vida, ligado a Eros. Este narcisismo é beijado pela morte, como se vê na pintura do pintor alemão do século 16, Hans Baldung, que André Green escolheu como a primeira ilustração para o seu livro sobre a pulsão de morte.



Figura 2. La femme et la mort (Baldung, ca.1517).

Freudiano convicto, mas não acrítico, Green tenta, no início dos anos 1960, articular a teoria do narcisismo com a última teoria das pulsões de Freud. Enquanto que, até então, para a maioria dos autores, o narcisismo aparecia ligado à pulsão de vida, Green defende a existência de um narcisismo de morte, a que chama narcisismo negativo. Enquanto que o narcisismo de vida pretende a unidade do Eu, o narcisismo de morte, dominado pelo princípio de Nirvana, visa a anulação do Eu e aspira ao zero psíquico, ao ‘paraíso perdido da não-existência’, como escreveu Schopenhauer.

Para terminar, gostaria de insistir na vertente coletiva da pulsão de morte, algo que muito preocupava Freud – leia-se a sua troca de cartas com Einstein – e com razão. Passou por uma guerra, viu aproximar-se a outra. Perdeu filhos, passou, como muitos outros, grandes dificuldades. O Mal, para Freud, é um traço indestrutível da natureza humana que, em *O Mal Estar da Civilização*, define, da seguinte forma:

a tentação da satisfazer a sua necessidade de agredir o próximo, de explorar o seu trabalho sem paga, de o utilizar sexualmente sem o seu consentimento, de se apropriar dos seus bens, de humilhar, infligir sofrimentos, martirizá-lo e matá-lo. [...]. O homem tem uma tendência inata para a maldade, a agressão, a destruição e também para a crueldade (Freud, 2006b, p. 111).

Mas não sejamos ingênuos, nem tampouco paranóicos. Quando discutimos o Mal, não estamos a falar apenas de filosofia. Estamos a falar de nós mesmos e desta sociedade que construímos ao longo de séculos de morticínio, mas também de criação. Assim, designei, mais acima, o conceito freudiano de pulsão de morte como desejo de aspiração ao zero psíquico, à destruição e à anulação do Eu individual. No entanto, as sociedades e as civilizações também contêm em si os germes da própria morte; e a pulsão de morte também nelas desenvolve o seu trabalho, mais ou menos silenciosamente. Pode até não haver guerra, nem violência visível. Mas a pulsão de morte vai trabalhando na sombra, esgotando a nossa vitalidade como indivíduos e como grupos. A apatia e a ausência de capacidade crítica podem ser um sintoma desse trabalho do Mal. Freud já o tinha dito em vários textos e André Green reforça a ideia em *Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte*: ‘Sociedades apáticas que renunciam os seus ideais, que se afundam na passividade, são sinais antecipados da sua desaparecimento’ (Green, 1983, p. 278); sociedades e civilizações que perderam, diz Green, a ilusão do futuro.

A pulsão de morte não se pode sentir, ver, ouvir, tocar ou cheirar. Não é pensamento, nem afeto. Mas os seus efeitos são deletérios: corrompem e destroem, e deixam-nos sem pensamento, nem afecto. Sem vida.

## REFERÊNCIAS

- Amaral Dias, C. (2000). Freud para Além de Freud (2 vols). Fim de Século.
- Arendt, H. (2000). The Portable Hannah Arendt. Edição de Peter Baehar. Penguin.
- Baldung, H. (ca. 1517). La femme et la mort. Basel Kunstmuseum.
- Freud, S. (2001). Beyond the Pleasure Principle. S.E. Vol.18. (1920-1922). Hogarth.
- Freud, S. (2006a). O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925). E.S.B. Volume XIII. Imago Editora.
- Freud, S. (2006b). Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e Outros Trabalhos (1927-1931). E.S.B. Volume XXI. Imago Editora.
- Green, A. (1983). Narcissisme de Vie, Narcissisme de Mort. Ed. Minuit.
- Green, A. (1988). Pourquoi le Mal? In Le Mal. Dir. J.B. Pontalis. Gallimard.
- Green, A. (1993). Le Travail du Négatif. Ed. Minuit.
- Green, A. (2007). Pourquoi les Pulsions de Destruction ou de Mort? Ed. du Panama.
- Kant, I. (2001). Sur le Mal Radical dans la Nature Humaine. Ed. Rue d'Ulm.

Laplanche, J. (1970). *Vie et Mort en Psychanalyse*. Flammarion.

Laplanche, J. (1999). *Entre Séduction et Inspiration: l'Homme*. PUF.

Nietzsche, F. (1990). *Beyond Good and Evil*. Penguin.

Pracana, C. (2008). *Felix Culpa: Ensaio sobre a Culpa e a Civilização*. Ed. OVNI.

Rand, A. (2007). *Atlas Shrugged*. Penguin.

Roth, J. (ca. 1756). *Augsburgische Sammlung*. Basel Universitätsbibliothek.  
doi:10.3931/e-rara-18330

**Clara Pracana.**  
PhD. Psicoterapeuta Psicanalítica.

## Resumo / Abstract

### **Pulsão de Mal, Pulsão de Morte**

Pulsão de morte, um dos conceitos mais controversos da teoria psicanalítica de Freud, não é a morte como o fim da vida, mas a vontade de destruir o prazer na vida, constituindo, simultaneamente, auto-destruição e a destruição dos outros. É neste sentido que o mal, como aquilo que nos leva a negar as possibilidades da vida, se identifica com a pulsão de morte. O mal é uma pulsão em si próprio, mas pulsão de morte e pulsão de mal não são uma e a mesma coisa, considerando o mal como a força destrutiva que alimenta a pulsão de morte em direção a si próprio e aos outros. Isto implica ter em conta que a pulsão de morte é individual, mas pode igualmente ser a energia destrutiva de toda uma sociedade que, num determinado ponto, arrasta outras sociedades e países para a sua própria morte.

**Palavras Chave:** O problema do mal, pulsão de morte, pulsão de mal, prazer na vida, destruição, auto-destruição.

### **Evil Drive, Death Drive**

Death drive, one of most controversial concepts in Freud's psychoanalytical theory, does not mean death as the end of life, but the will to destroy the pleasure in life, representing, simultaneously, self-destruction and the destruction of others. It is in this sense that evil, as that which leads us to negate the possibilities of life, equates with the death drive. Evil is in itself a drive, but the death drive and the evil drive are not the one and the same thing, considering evil as the destructive force that feeds the death drive towards oneself and others. This implies taking into account that death driven by evil is individual, but it can equally be the energy of an entire society, which, at a given point, drags other societies and countries into its own death.

**Keywords:** The problem of evil, death drive, evil drive, pleasure in life, destruction, self-destruction.